

A Pesquisa Qualitativa e os Buscadores do Ser Integral

*Edvaldo Pereira Lima**

Quando Mary Beattie resolveu investigar cientificamente o modo pelo qual professores constroem o conhecimento profissional e pessoal que transferem para a sala de aula, optou por um método de pesquisa qualitativa que integra ao levantamento participativo uma forma narrativa de representação. Mary é pesquisadora e professora do Ontario Institute for Studies in Education - OISE -, uma unidade avançada no campo da educação, com foco transdisciplinar, da Universidade de Toronto, no Canadá.

Mary optou pela pesquisa colaborativa, uma variante parcialmente derivada do grupo de métodos participativos e baseados em ação. O primeiro capítulo do livro de Mary, resultante de sua pesquisa, tem título emblemático: “Começando Comigo Mesma – Minha Própria História de Ensinar e Aprender”. Logo na primeira página, o leitor encontra o seguinte trecho:

A História do “Silkie” e das Unidades Narrativas

Em maio de 1988, Anne Courtney e eu assistimos ao Congresso da Associação Internacional de Leitura, em Toronto. Anne é professora, minha amiga e também participante desta pesquisa. Frequentamos várias sessões juntas, uma das quais sobre o poder da narrativa e seu lugar no currículo escolar. O palestrante contou a história de “Silkie”, uma velha lenda folclórica escocesa/irlandesa sobre a crença tradicional de que as almas de pessoas afogadas vivem em focas que às vezes transformam-se em homens e se dirigem à terra. São particularmente suscetíveis à música e virão à terra se ouvirem música ou canto. Em forma de homens, seduzem mulheres para se casarem com eles e as levam embora. Tendo concordado em ir, as mulheres são transformadas em focas e não podem nunca mais voltar a seus amigos, suas famílias, ou seus lares. É uma história triste e solitária.

Ouvi-la fez jorrar ondas de emoção sobre mim, liberando sentimentos que estavam profundamente soterrados e há muito tempo sob controle. Senti-me respondendo à beleza da linguagem, à música que só eu podia ouvir, aos sentimentos e memórias que a história despertava em mim. Lutei para manter meus sentimentos sob controle e apelei para o lado racional da minha natureza para assumir comando e libertar-me dessas forças poderosas que estavam se soltando. Lágrimas inundaram-me os olhos e banharam silenciosamente meu rosto. Tentei desesperadamente parecer normal, consciente de onde estava, e valentemente lutei para que as pessoas à minha volta não notassem essa “perda de controle” momentânea.

Dividida entre o efeito hipnotizante da narrativa que continuava e o desejo de desligá-la para obter controle, verifiquei que Anne, sentada ao meu lado, havia percebido o que ocorria comigo e experimentava tanto confusão quanto preocupação. Notei seus olhares de relance, sua tentativa de não chamar atenção sobre mim, sua observação quieta de que

algo acontecia comigo, seu entendimento de que eu estava lidando com a questão do meu próprio jeito. Quando a história acabou, ela se aproximou, abraçou-me levemente, confortou-me, uma pergunta bailando no seu olhar e na sua postura. “Estou chorando por mim mesma”, respondi, “pela parte não preenchida de mim que recuso em reconhecer. Estou chorando pelas histórias não contadas que estão entaladas na minha garganta, histórias como essa, que são parte de mim, que querem ser escritas, mas que recuso em escrever. Sou minha pior inimiga, e às vezes sou lembrada disso 1.

O caráter revelador do episódio é que *aquele evento permitiu a Mary ver os fios narrativos que ligam meu passado, presente e futuro, trazendo à luz as tensões que correm sob a superfície da minha vida profissional e pessoal. Os fios narrativos são o poder da história, da linguagem, da música e dos relacionamentos em minha vida. Sublinhando esses fios encontram-se as tensões entre as partes racionais e emocionais da minha natureza, e meu esforço contínuo para equilibrá-las e controlá-las. 2*

Irlandesa, nascida numa cultura rica na expressão dos sentimentos através da música, da dança, da poesia, das tradições que apresentam uma visão de mundo integradora de diferentes níveis de realidade, Mary recusou essa herança num certo ponto de sua vida, achando-a muito estreita, Consciente da sua vocação para o magistério, emigrou para a Inglaterra, onde esperava encontrar uma formação racionalista, capaz de brindar-lhe o poder do domínio racional sobre as emoções. Continuou a estudar literatura e música, em paralelo, mais como forma de conquistar conhecimento teórico – portanto controle – do que experiência vivencial com essas formas de expressão.

Formou-se, atuou algum tempo como professora em Londres, depois partiu para o Canadá, em busca de novos horizontes profissionais. Vinte anos após a partida da Irlanda, naquele maio de 1988 o inesperado *insight* do congresso acadêmico lançou-a de volta às raízes. Não se tratava, porém, de um retorno que repetiria um padrão já conhecido, mas de um novo momento criativo que uniria à herança do passado uma nova possibilidade, fruto da trajetória intelectual de Mary ao longo desses vinte anos. *Uma reconciliação interior, uma expressão exterior, uma junção da história pessoal com a atuação profissional acadêmica e com seu olhar de estudiosa relançado à compreensão do outro através da resignificação do mundo.*

Com o tempo, Mary descobriria um instrumento de atuação metodológica, no campo do estudo científico da educação, cujo postulado atesta a impossibilidade da separação sujeito-objeto na pesquisa. Só podemos compreender o que queremos examinar, como pesquisadores, se permitimos que a experiência nos fale alto também em termos pessoais, *A pesquisa tem de fazer sentido não só para a porção intelectual do nosso ser, mas também para a nossa parte emocional. Do mesmo modo, só vamos compreender as pessoas que fazem parte do nosso estudo se as olharmos como seres integrais. Adeus dicotomia sujeito/objeto, razão/emoção, lógica/intuição! Viva a nova e corajosa postura dos métodos de compreensão científica do mundo que adotam procedimentos integrativos, inclusivos, rumo a uma ampliada possibilidade de compreensão racional da realidade!*

Conheci Mary quando realizei um estágio pós-doutoral na Universidade de Toronto. Encontrei, no OISE, um paraíso do estado da arte em pesquisa qualitativa, termo guarda-chuva que abriga um conjunto de modalidades tendo como eixo comum a **representação da realidade, examinada cientificamente, sob a forma de narrativa. Compreender a realidade significa encontrar o sentido do que vemos, ouvimos, tocamos, sentimos, cheiramos e experimentamos. Significa captar com os sentidos abertos de que modo as pessoas que estudamos passam pelo processo de ouvir, tocar, sentir, cheirar, experienciar a realidade, dando-lhe sentido. O campo da pesquisa qualitativa abarca diversas modalidades, como a pesquisa participativa, a pesquisa-ação, o estudo etnográfico, a história de vida. Essa última, por sua vez, desdobra-se nas opções autobiografia, autoetnografia, biografia, etnografia, biografia interpretativa, narrativa de vida, história oral e outras.**

O ponto básico de todas essas alternativas é que no campo das ciências humanas e sociais só podemos compreender a realidade se descobrimos o sentido que as pessoas dão às experiências que vivem. **Compreender a experiência, por sua vez, demanda do pesquisador um mergulho nas dimensões do mundo pessoal e do mundo social tanto dos indivíduos sobre os quais investiga quanto de si próprio.**

A opção metodológica particular que Mary selecionou para seu trabalho foi a **pesquisa colaborativa**, uma proposta inovadora que desmistifica o trabalho científico de investigação, A proposta **evita o caráter elitista e manipulativo da pesquisa científica convencional, colocando os sujeitos do estudo como colaboradores ativos de todo o desenvolvimento do trabalho. Como explicam os autores John Bray, Loyce Lee e seus colegas, participam do desenho e da condução da pesquisa, e refletem sobre a experiência obtida através da ação implementada como parte da própria pesquisa.**³

É por isso que Mary apresenta Anne, a professora cuja ação profissional examinou em seu estudo, logo no começo do livro. **Anne não é um simples “sujeito” do trabalho, mas um co-participante de todo o processo, um co-criador do entendimento possível.**

Levando mais adiante essa abordagem, diferentes estudiosos do OISE aperfeiçoaram os procedimentos da pesquisa qualitativa, criando grupos de estudos, centros de desenvolvimento e produzindo tanto reflexões teóricas quanto trabalhos práticos que geraram um ambiente favorável às iniciativas de pesquisadores como Mary Beattie.

Vejam o que dizem dois desses estudiosos, Ardra L. Cole e J. Gary Knowles:

*Para nós, o termo “história de vida” reconhece que não só as influências pessoais, sociais, temporais e contextuais facilitam a compreensão das vidas e dos fenômenos sob exame, como também admite que, da conceituação à representação e eventual comunicação de novas compreensões aos outros, todo projeto de pesquisa é uma expressão dos elementos da história de vida do pesquisador. **Desafiamos a “objetividade” do pesquisador no estudo de vidas humanas. Assim como em outras formas de pesquisa qualitativa, o pesquisador de histórias de vida serve como “instrumento” central, principal lente de visão. Em outras palavras, o pesquisador é uma pessoa e essa pessoa – em conjunto com sua própria complexa história pessoal – é uma influência-guia em todos os aspectos do estudo.***⁴

O conceito de ciência que está por trás dessa atitude difere diametralmente do padrão convencional baseado em métodos quantitativos inspirados no paradigma mecanicista, reducionista, materialista, cartesiano que rege a maior parte do pensamento científico vigente na sociedade. Sintoniza-se com a proposta transdisciplinar. Para essa, o método reducionista pode ser adequado para o exame de questões nas ciências exatas, mas naufraga rotundamente quando se debruça sobre questões humanas, pois seu foco é concentrado na realidade exterior. A transdisciplinaridade aponta a existência de pelo menos dois níveis de realidade, apoiada na física quântica. Defende que o conhecimento é simultaneamente exterior e interior. Assim, compreender cientificamente um ser humano ou um grupo social exige do pesquisador tanto um olhar atento a seu mundo externo, das ações, quanto uma navegação criteriosa pelo seu universo interno, de valores e sonhos, pelo seu território mitológico, pela manifestação em sua vida de elementos arquetípicos. Exige uma viagem intensamente aberta pela dimensão do espírito.

Uma questão fascinante. E desafiadora para a ciência, em cuja fronteira limítrofe de vanguarda pensadores e filósofos da epistemologia lançam novas bases, experimentam avanços revolucionadores, despertadores de *insights* epifânicos, que nos fazem de súbito romper os grilhões que impediam a expansão da nossa consciência compreensiva. Tema convidativo para outro artigo, em próxima oportunidade.

Edvaldo Pereira Lima é coordenador do
Laboratório Integrado de Narrativas Transdisciplinares,
do Instituto de Humanidades da Universidade de Uberaba.
Professor da Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo. Doutor em Ciências da Comunicação.

(05/05/03)

Notas e referências bibliográficas:

1. BEATTIE, Mary. **Constructing Professional Knowledge in Teaching: A Narrative of Change and Development**, p. 1. Nova York: Teachers College Press, 1995
 2. Op. cit, p. 2.
 3. BRAY, John et all. **Colaborative Inquiry in Practice**, p. 3. Thousand Oaks: Sage, 2000
 4. COLE, Ardra e J. Gary Knowles. **Lives in Context: The Art of Life History Research**, p. 10. Walnut Creek: Altamira, 2001
-